

## A ESPANHA COMO REFERENCIAL DE MURILO MENDES

Cláudio Leitão\*

Os poetas não têm autobiografia porque a própria obra supriria esse espaço lírico de palavras de retoques na própria vida vivida e ao mesmo tempo inventada nos versos próprios e alheios. É mais ou menos assim que pensa de Pessoa e escreve Octavio Paz – poeta e pensador de poetas e da poesia. Quando um poeta diz “eu sou assim”, inventa, reflete e depõe. Quando diz: “eu sou”, inventa e reflete. Mas quando ele diz: “eu”, apenas inventa. Sem muita ilusão, Murilo Mendes inventa uma Espanha para ser a sua pátria distante e miragem refletida. Munido por desregramentos da lógica do surrealismo, traçou paralelas entre terras díspares, para o conjunto de seu poliedro. A *pólis* impossível na cidade natal vai sendo composta por essa própria cidadezinha promissora, industrial e republicana que foi Juiz de Fora no início do século XX. O Paraibuna leva ao Paraíba que leva ao mar que leva o poeta em viagem de menino experimental a cavalo até a China, ao cosmo, a Roma, e de retorno impossível à Juiz de Fora de toda a escrita que deixou.

Murilo Mendes leu e bebeu em espanhol e português da cultura ibérica. Quis viver na Espanha, antes de radicar-se na Itália, mas o regime de Francisco Franco negou-lhe a permanência. A *catolicidad* interessou antes e mais ao mineiro que radicar-se na capital romana do cristianismo. Já foi dito que “Murilo Mendes lê em espanhol” (Antelo, 1987) o catolicismo da Espanha, mais que outras espanhas. O tradicionalismo do poeta – foi dito também – é que o teria levado a viver no centro maior da religião (Santiago, 1989). As afinidades entre o regime religioso representado pelas descrições da prosa e a cultura religiosa ibérica são evidentes. E está em representações da infância dos livros de memórias o contato com o conservadorismo religioso

---

\* Universidade Federal de São João del-Rei (MG).

de que falava Santiago. Há, no entanto, o tempo e o espaço espanhóis. Refiro-me aos livros *Tempo espanhol* e *Espaço espanhol*. O primeiro é um livro de poemas publicado em Portugal, em 1959. Arlindo Daibert considera esses versos como representação auditiva da Espanha, em que repercutem os versos nas vozes dos antigos poetas e as novas vozes. O segundo é um livro em prosa poética, publicado integralmente pela primeira vez em *Poesia completa e prosa*. Para Daibert, *Espaço espanhol* deve ser considerado como representação visual da Espanha, dos seus pintores, desde os animais quase esculpidos na gruta de Altamira, perto de Santander, até a visão do mar em Palma de Maiorca, ao sul. Seja na diacronia do tempo espanhol, seja na sincronia do espaço, há na escrita de Murilo Mendes uma Espanha inconformada, no exílio de muitos artistas ou no próprio território sitiado pela ditadura por meio século XX. O concentrado interesse pela vida e pela arte ibérica encontra-se com expressões da pintura, da arquitetura, do cinema originados na Espanha.

Luis Buñuel, lembrado não muito de passagem, puxado pela memória que revê a figura de Onofre, pai de Murilo – caridoso escrivão – no fim de *A idade do serrote*, é a história da Espanha invisível que começa a mostrar-se, vencidas as censuras inconscientes pelo surrealismo parisiense. A gruta de Altamira, abertura e fecho do livro *Espaço espanhol*, prefigura e configura o alfa e o ômega, o gênesis e o apocalipse.

Em Altamira dá-se a superposição das eras, pela redescoberta moderna da arte rupestre milenar. “Misturam-se o dia e a noite nas dobras de Altamira” (Mendes, 1994, p.1122). O velho de quarenta mil anos do século XX que entra na gruta encontra o homem quarenta milênios mais jovem. Em cores negra, vermelha e ocre amarelado, o bisonte, o cavalo e o javali, junto ao homem que os aprisionou naquela caverna, compõem, para Murilo Mendes, “terra de Espanha, sim, mas não ainda história de Espanha” (Mendes, 1994, p.1121). O senso de imaginação do poeta leva-o a refletir sobre o ritual com touros, sobre os terrores da existência e a morte, sobre

Voltaire e o trágico sentimento de Unamuno. Com o humor lúdico de poeta e menino, “trata-se de altamirar ou de baixamirar” (Mendes, 1994,p.1122). O mesmo impacto que teria levado Murilo Mendes a ajoelhar-se, espalhafatoso e contrito, na rua de São João del-Rei, ante as palmeiras e a fachada da igreja de São Francisco de Assis, atingiu o poeta em Altamira. Veio a sensação de tempo uno, de haver chegado “ao fim do tempo, em vez de ter chegado ao princípio”. A busca pela origem de uma história e sua cultura não se confunde com o determinismo estreito do espaço sobre o tempo. A origem do espaço nomeado é movente e decomposta. Os pedaços da composição do todo estão no tempo unitário de eras avaliadas pelo século XX espanhol. O movimento está no velho e sempre novo “olho armado” de Murilo Mendes (conferir o final de *Poliedro*), processando o paleolítico na era do cinema. Esse é o olho que vê, correlaciona, faz imaginar e interpreta. O tempo invertido, decupado e montado: trata-se do mundo de pernas para o ar diante de um olho armado.

Em Toledo, a prosa do poeta do espaço encontra a confirmação de uma conexão definitiva. Na cidade medieval, o poeta encontra o pintor cretense El Greco. A Espanha é então crismada como patrimônio da humanidade. O pintor grego e sua arte concentrada em Toledo traz a Grécia clássica ao espaço em que se encontraram celtas, ciganos, mouros e judeus, dentre outras nucleações do poliedro cultural em apreço. Toledo é a visualidade de suas vielas. É o cardeal Tavera, olhudo e hierático, mas também a evocação dos versos de Lope de Veja, transcrita no fragmento (Mendes, 1994,p.1137):

*Caminito toledano, quién te tuviera ya andando!*

O impacto da arquitetura da Catalunha e da magia da terra de Miró presidem à reminiscência em prosa. As *ramblas* de Barcelona falam do prazer, do *carpe diem*, da pele morena das pessoas, do vinho de Tarragona, da sangria de vinho tinto. Barcelona é complexa mas não difícil. A atração pela cidade destaca sobretudo seu peso político – a independência pregada por essa

província próxima da França, sua sofisticada organização sindical e anarco-sindicalista, seus estaleiros, a riqueza produzida pela indústria pesada e as dificuldades de aceitação da unidade espanhola comandada por Franco. Na cidade de Gaudí e Picasso, entretanto, o espírito livre da Catalunha contrasta e contesta. Ver a arte e identificá-la. Isto é: a prosa sobre Barcelona surpreende-se com o vigor da expressão de originalidade, paradoxalmente antiga, barroca e moderna.

*Espaço espanhol* é mais visual, mas versos de *Tempo espanhol* não se calam sobre a visualidade da Catalunha. Ela provém de virulência e se faz por uma poética de enfrentamento. Em 1956, a negação do visto a Murilo Mendes para ingresso no país como professor de literatura, talvez tenha provocado a escrita desse livro. “Também sabes deixar em liberdade / O roxo, qualquer azul e o vermelho” – diz o poema intitulado “Joan Miró” (Mendes, 1994,p.618). Barcelona fulgura nos versos derradeiros do livro sobre a Espanha, no sempre lembrado poema “Cristo subterrâneo”. A visualidade se dá ainda nos versos, através das imagens dos esconderijos estratégicos dos cristãos heróicos. A Espanha se torna épica nas imagens líricas de Murilo Mendes. Resistência e vigor cultural, fé e rebeldia são marcas a confundir comprovações do conservadorismo do poeta. O atavismo pela morte é canalizado para tornar-se arma e protesto. “O rio subterrâneo que marcha / Desde a Galícia à Andaluzia”, dizem os versos (Mendes,1994,p.619) que apelam à não sagração da espada do ditador.

As cores do teto da gruta de Altamira refundem-se no poema para “El Greco”. Diz a terceira estrofe:

El Greco funda o estilo plástico de Castela.  
Emprega a ferrugem, as tintas sujas  
Para tratar sua fisionomia seca (Mendes,1994,p.592).

Tintas sujas para a província central de Castela, para a cidade medieval de Toledo. O gótico, o israelita, o cristão “Fundidos na espessura concreta de Toledo”, dizem outros versos do mesmo

poema. Na Espanha de Murilo Mendes estão Santo Inácio de Loyola e Unamuno, Buñuel e o surrealismo. Os opostos e a busca de outra unidade desenharam a resistência contra a força e a religião carola.

Segundo Arlindo Daibert, “Murilo Mendes crê na Espanha como na Santíssima Trindade.” Ou ainda, em Murilo, “o tempo e o espaço espanhol são extensões de uma mesma realidade” (Daibert, 1995,p.99). O tempo que fez caracteres duradouros, em Murilo Mendes confirmam-se nos tempos modernos do cinema, os versos heróicos da tradição. Para Menéndez Pidal, há caracteres duradouros da hispanidade. Para Murilo Mendes, na Espanha, como no Novo Testamento, encontram-se a lírica e a épica. Se nos últimos livros de Murilo Mendes, principalmente em prosa, encontram-se alguns traços de um desejo de retorno a uma Juiz de Fora já inexistente, nas representações da Espanha, estão as imagens plenas de uma terra familiar.

#### **Referências Bibliográficas:**

- ANTELO, Raúl. Murilo Mendes lê em espanhol. In: *Anais do Congresso de Literatura Comparada da UFMG*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987. P.537-544.
- ARRIGUCCI, Davi. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. São Paulo: ed. 34 / Duas Cidades, 2000. P.91-150: Arquitetura da memória.
- DAIBERT, Arlindo. *Cadernos de escritos*. Organização de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. P.73-117: Arte e literatura – A imagem da letra; A poesia e a pintura surrealista; Murilo Mendes e a casa de Rembrandt; Vermeer de Delft; Espanha no tempo e no espaço; Murilo Mendes; A poesia da imagem; Murilo Mendes: o olho armado; Anotações de leitura.
- MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. ¿Ha caracteres perdurables? Prefacio a *Poema del Cid*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1965.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.